

FOZ DO DOURO

A CANTAREIRA

Abril — 1920

A Foz é para mim a Corguinha, o Castelo e o Monte com o rio da vila a atravessá-lo, e a rua da Cerca até ao Farol. O que está para lá não existe... Só me interessa a vila de pescadores e marítimos que cresceu naturalmente como um ser, adaptando-se pouco e pouco à vida do mar largo. E ainda essa Foz se reduz cada vez mais na minha alma a um cantinho — a meia dúzia de casas e de tipos que conheci em pequeno, e que retinho na memória com raízes cada vez mais fundas na saudade, e mais vivas à medida que me entranho na morte. O mundo que não existe é o meu verdadeiro mundo.

Esta vila adormecida estava a cem léguas do Porto e da vida. Ali moravam alguns pescadores e marítimos, o António Luís, a Poveira, as senhoras Ferreiras, a D. Ana da Botica e as Capazorias. E, na Foz e na pensativa Leça, uma gente desaparecida com os navios de vela, os embarcações que iam ao Brasil em longas viagens de três meses. As casas, limpas como o convés de um navio, espreitavam para o mar, umas por cima das outras. Todas tinham um grande óculo de engonços, para ver o iate ou a barca que partia, ou para procurar ansiosamente, lá no fundo, o navio que trazia a bordo o marido ou o filho ausente, e um mastro no quintal para lhes acenar pela derradeira vez. Meu avô materno partiu um dia no seu lugre; minha avó Margarida esperou-o desde os vinte anos até à morte, desde os

cabelos loiros que lhe chegavam aos pés, até aos cabelos brancos com que foi para o túmulo. Quando os rolos de espuma rebramiam no Cabedelo, apertavam-se os corações no peito, e à luz da candeia rezavam horas esquecidas «pelos que andam sobre as águas do mar».

Conheço ainda, tão bem como ontem, todos os cantos da casa de minha avó: as escadas com um cabo de navio a servir de corrimão, a sala da frente com dois painéis escuros nas paredes, Jesus crucificado e S. João Baptista, e o estrado onde ela e a tia Iria, todo o dia sentadas, trabalhavam nas almofadas de bilros. A renda de bilros é uma indústria da beira-mar, destas mulheres loiras, de olhos azuis e rosto comprido — as da Foz, as de Leça e as de Vila do Conde — que passavam a vida à espera dos homens, enquanto as mãos ágeis iam tecendo ternura e espuma do mar... Nesta sala abriam-se duas portas, uma para os quartos interiores, e outra para o corredor onde os rapazes dormiam num armário com beliches.

Ao lado da casa, que subia em socalcos pelo monte, subia também uma escada de pedra em patamares até lá acima. Do quintal, mais alto que os telhados, via-se o mundo. Era dali, saltando o muro, que eu partia para excursões maravilhosas através do pinheiral do Laje...

Costumes muito simples, muito outros. Uma pescada custava seis vinténs, e minha avó gemia da carestia da vida, falando com saudade «do tempo do arroz de quinze». Tinham-se calado as marteladas nos estaleiros de Miragaia e do Ouro, onde os calafates, os ferreiros e os carpinteiros de machado erguiam outrora, entre clarões de forja e cheiro a pinho descascado, as carcaças dos palhabotes, das barcas e dos iates, — mas eu ainda conheci alguns tipos curiosos de capitães aposentados, no americano que se inaugurara e que levava a gente ao Porto numa hora, alumiado à noite por uma luzinha de petróleo, e com reforço de mulas em Massarelos. Nesses carros andava sempre a mesma meia dúzia de pessoas para baixo e para cima, e o serviço era dirigido com ferocidade por um major de pêra pintada com esmero, que mantinha a disciplina numa gaiola do Ouro. Ora, entre as pessoas que faziam comigo a travessia, quando a Aninhas do Jeremias me levava pela mão ao colégio, nunca

mais esquecerei o capitão Bernardes, um do Carvalho que chegou a almirante, o tio Bento, o irascível capitão Sena de quem se contava com terror que fora apanhado no mar alto por uma trovoadas — as faíscas como chuva — levando os porões carregados de pólvora, o alegre capitão Serrabulho, casado com uma mulher fantasmática: homem prodigioso, com uma grande barriga sacudida de risadas: — Acaba-se aqui o mundo com uma ceia de peixe! — e que fez andar num corropio até à morte a Foz do Douro e a Baía, e entre todos eles, principalmente, o capitão Celestino, que tendo começado a vida como pirata acabou como um santo, cultivando com esmero um quintal de que ainda hoje me não lembro sem inveja. Falava pouco. Sorria sempre numa satisfação interior, completa, perfeita, com uma cara de páscoas rosada e inocente, enquadrada pela barba de passa-piolho toda branca. A sua vida anterior fora misteriosa e feroz. De uma vez com sacos de cal despejados no porão sufocara uma revolta de pretos, que ia buscar à costa de África para vender no Brasil. Outras coisas piores se diziam do capitão Celestino... Mas o que eu sei com exactidão a seu respeito é que para alporques de cravos não havia outro no mundo. Todo o dia um fio de água escorrendo por condutos invisíveis de que só ele sabia o segredo, caía pingue-que-pingue nos alegretes caiados de branco; todo o dia o velho corsário, com mãos delicadas de mulher, tratava embevecido as flores cultivadas como filhas. E acabou assim a vida mondando e podando, sem uma dúvida na consciência tranquila...

Maio — 1921

Sonolência doirada com dois ou três acontecimentos: as catraias que chegam da pesca, um grande paquete que entra majestosamente a barra, os batéis que despejam na praia os montões de sardinha. Vêm os dias de névoa, quando o sino da igreja tange chamando os homens perdidos na cerração, o tempo do sável no rio, a pesca da lampreia com um fogaréu no bico do cabedelo, e, em Dezembro, a safra da sardinha. O senhor piloto-mor passeia no cais com as mãos atrás das

costas ralhando aos velhos da Pensão, e três marítimos conversam acolá naquele banco de pedra, ao pé da torre dos pilotos, onde já meu avô se sentava.

Um dia lança-se a nossa catraia ao mar. Os calafates, com estopa embreada, tomam-lhe as juntas de pinheiro por pintar. Alguns homens dão-lhe uma mão de piche, e um desenha-lhe nas tábuas do costado: *Senhora dos Navegantes*. Chega da Póvoa o Manuel Serrão, homem de poucas falas e calças de lona branca, e talha-lhe a vela estendida na areia. Corta-se o mastro no pinheiral do Laje. O senhor abade — toca o sino — asperge-a de água benta, e a companhia, com os barretes na mão e fatos de ver a Deus, espera o último latim para a lançar sobre roletes enebados pela lingueta abaixo. São quinze homens como torres com o arrais e o moço. É o Jeremias, alto, de barbas de sargaço, o Bilé e o Mandum, o Joaquim Sota, o meu compadre Matias, o José das Facadas, o Mouco e o Bexiga, queimados pelo ar do largo, aquele velho de cachimbo nos dentes, que de tanto remar ficou curvado para sempre, o Manuel Arrais grisalho e calado, e o moço o Nel, de olhos inocentes de bicho, que vai pela primeira vez ao mar.

— Agora!

As mulheres da fonte deixam os cântaros e deitam a correr, e a companhia mete o ombro ao costado do barco e — oupa! — retesando os músculos, empurra a *Senhora dos Navegantes*, que desliza nas pedras e entra no rio. Dois homens saltam dentro e levam-na para as amarras.

Estes factos insignificantes impressionaram-me para sempre a retina e a alma. Muito tempo perdi-os no tropel da vida, impõem-se-me hoje com um relevo extraordinário. Vejo outra vez tudo; as fisionomias, as coisas, a cor e a luz. Vejo os barcos encalhados com as letras mal feitas, escritas a piche no costado, *Vai com Deus, Senhora da Ajuda, Deus te guie*, as redes nos varais e os pescadores de agulha na mão a remendá-las, as catraias e os batéis nas linguetas. Vejo as mulheres sentadas nos degraus, a Maria da Viela, as Papeiras e as Bexigas. Manhã de não sei quando, manhã que não existe e vou desenterrá-la tal qual, azul e névoa, névoa e mar... Alarido nos tanques: chegam os batéis da sardinha. Em Sobreiras as mulheres arrastam

os quartos do sável, metidas na água até à cinta... ¿Quem quer ganhar um quinhão?... Além é o cabedelo e o mar desfeito em pó azul, e a Outra Banda inteiramente verde. Conheço aquele grande pinheiro manso sobre a casa gótica desde que me conheço, os areais e o largo rio, onde dois ou três barcos da Afurada pescam a tainha. O homem atira a rede, e a mulher, num gesto rítmico, bate com o bicheiro na água para assustar os peixes, que se vão lançar na malha.

São nadas que farão sorrir os outros. São efectivamente nadadas... E no entanto reconheço que essa foi a melhor parte da minha existência, minuto único de saudade em que a luz se suspende e o universo se entranha para sempre na alma. É a própria vida com um encanto que não torna, é o abrir dos olhos para uma manhã deliciosa, quando se salta pela primeira vez do ninho e se sente ainda o calor do ninho. Tudo é novo e esplêndido. Embriaga o ar que se respira e o primeiro sonho que sonhamos. É novo e cheio de surpresas o Verão, quando os grandes barcos rabelos, a vela latina cheia de vento e o homem em ceroulas no alto da caranguejola, carregados de achas que cheiram a bravio, descem devagar as águas; é novo o Inverno quando a grande toalha líquida das cheias brilha e o sol reluz com mais gosto, ou quando aquela voz rude engrossa, começa a pregar e a lufada não cessa de bater nas vidraças: — Está alguém fora da barra? — E as vigas do travejamento rangem como as quilhas dos navios, e a noite trágica, em que supponho ouvir gritos, nunca mais acaba.

A voz cresce... Ouço-a agora perto, ouço-a melhor. O que foi eco quase extinto, aumenta num clamor cada vez mais alto, chamando de novo por mim...

Junho — 1921

É que tudo, até as coisas, num dado momento, foram para mim seres de uma vida extraordinária; um ser esplêndido, o rio, a que me entrego dentro de quatro tábuas; o cabedelo cheio de mistério, onde ponho os pés com terror; o largo, o